

---

# A EXPERIÊNCIA DOCENTE DE MONITORES SOBRE O OFÍCIO DE PROFESSORES NA PRISÃO

*Camila Cardoso Menotti<sup>(\*)</sup>  
Elenice Maria Cammarosano Onofre<sup>(\*\*)</sup>*

## INTRODUÇÃO

Um dos papéis fundamentais da educação é promover uma sociedade com melhor qualidade de vida e formar sujeitos capazes de criar e recriar o espaço e a vida social onde estão inseridos. Há que se considerar, no entanto, que no Brasil ainda existem sérios problemas a serem enfrentados uma vez que parcela considerável da população permanece analfabeta, e conseqüentemente, vítima da exclusão social. As pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE<sup>1</sup> indicam que houve uma melhoria significativa na situação da educação no Brasil, mas o país ainda possui um total de 14,6 milhões de pessoas analfabetas.

A análise do aumento da criminalidade no país e o contexto das unidades prisionais sinalizam que os encarcerados são, em sua maioria, pessoas pouco escolarizadas e pobres, podendo ser consideradas produto da segregação e do desajuste social, da miséria e das drogas, do egoísmo e da perda de valores humanitários. Dados do Conselho Nacional de Justiça - CNJ<sup>2</sup> indicam que atualmente o Brasil possui a 3ª maior população carcerária do mundo com 496.251 sentenciados/as, ficando atrás somente dos Estados Unidos e da China.

Nesse sentido, não podemos perder de vista os problemas que o país enfrenta em relação ao sistema prisional e conforme a Relatoria Nacional para o Direito Humano à Educação: educação nas prisões brasileiras,<sup>3</sup> o Brasil trata os encarcerados de forma desumana, ignorando a Lei de Execução Penal – LEP (Lei 7.210/1984)<sup>4</sup> e a Constituição Federal,<sup>5</sup> e o resultado poderá ser desastroso para toda a sociedade, visto que as prisões podem ser uma fonte permanente de geração de violência.

---

(\*) Mestre em Educação. Universidade Federal de São Carlos – UFSCar/SP/Brasil. E-mail: camilamenotti@yahoo.com.br

(\*\*) Doutora em Educação. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade Federal de São Carlos – UFSCar/SP/Brasil. E-mail: linocam@uol.com.br

<sup>1</sup> [IBGE, 2010].

<sup>2</sup> [CNJ, 2010].

<sup>3</sup> [CARREIRA e CARNEIRO, 2009].

<sup>4</sup> [BRASIL, 1984].

<sup>5</sup> [Ibid., 1988].

---

Dessa forma, torna-se relevante discutir questões sobre a educação nesse ambiente repressivo, uma vez que a escolarização pode possibilitar ao indivíduo em privação de liberdade o desvelamento e a busca pela transformação da realidade na qual está inserido, contribuindo para a melhoria de sua vida no presente, na construção de um projeto de vida para quando adquirir a liberdade e na diminuição da reincidência criminal nacional que gira em torno de 50% a 80%, conforme dados do Ministério da Justiça.<sup>6</sup>

A temática da Educação de Jovens e Adultos – EJA em situação de privação de liberdade vem sendo objeto de estudos e de pesquisas acadêmicas que se dedicam a focar, prioritariamente, questões da educação como forma de (re)integração social, porém, são escassas as investigações que abordam o exercício docente entre as grades. Nesse sentido, são encontrados alguns dados consolidados sobre as atividades pedagógicas empreendidas nas unidades prisionais do Brasil, o que justifica a necessidade de estudos na área. No caso das escolas das penitenciárias do estado de São Paulo, o exercício da docência foi realizado até o ano de 2012, por monitores que se encontravam em privação de liberdade, assim como seus alunos. Entretanto, não há informações que permitam identificar a motivação deste professor, sua concepção de educação, suas dificuldades nas ações pedagógicas, e se houve mudanças em sua vida ao exercer a prática educativa no contexto prisional. Nesse sentido, o estudo que se apresenta procurou resgatar e registrar tal período, buscando compreender e significar o ofício docente, na perspectiva de monitores-professores que se encontravam em situação de privação de liberdade.

Importante considerar, que o estado de São Paulo possui a maior população prisional do país, o equivalente a 180.059 detentos, sendo 168.206 homens e 11.853 mulheres, e o número de pessoas em privação de liberdade que estão envolvidas em atividades educacionais é de 14.359, ou seja, quase 30% do total de detentos que estudam no país.<sup>7</sup>

Diante desses apontamentos, o estudo que se apresenta neste artigo tem, portanto, a intenção de trazer algumas compreensões sobre a prática docente realizada no interior das penitenciárias paulistas e foi norteado pela seguinte questão: Como os monitores que atuam no sistema prisional paulista significam sua experiência docente frente às particularidades do contexto prisional e na condição de encarceramento em que se encontram?

---

<sup>6</sup> [MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2011].

<sup>7</sup> [InfoPen, dez/2011].

---

## A DOCÊNCIA ENTRE AS GRADES

O exercício da docência tem sido tema de investigações científicas que pretendem destacar, entre outras questões, a formação e a prática desses profissionais. Estudos realizados por alguns pesquisadores tratam a profissionalização docente com base na categoria de “saber docente”, analisando a complexidade dos saberes *para* e *no* exercício desta profissão.

De acordo com a epistemologia da prática docente, o profissional produz um saber específico durante sua atividade e que é considerado o saber da experiência. Para Tardif,<sup>8</sup> essa epistemologia tem a intenção de revelar e compreender como esses saberes são integrados na atuação dos professores, e como e porque esses os incorporam, utilizam, aplicam, transformam a até abandonam, devido às limitações dos recursos inerentes às atividades educativas.

Ainda com base no estudo realizado por Tardif,<sup>9</sup> o termo *saber* pode ser utilizado de forma generalizada e sem critérios, considerando-se tudo como um saber. No entanto, o saber docente é aquele “que se desenvolve no espaço do outro e para o outro”.<sup>10</sup> Dessa forma, o saber docente está ligado a uma racionalidade onde o sujeito deve saber fazer e saber justificar porque faz e como faz. O modo de fazer não justifica os objetivos da ação, visto que tudo depende do sentido e do significado que a ela são atribuídos e a reflexão se torna uma ferramenta fundamental para a compreensão dos sentidos que são dados às práticas vivenciadas ao longo de nossas vidas.

O saber de experiência é resultado da relação entre conhecimento e vida humana, ou seja, da forma como os seres humanos vão dando sentido àquilo que lhes acontece. Portanto, “se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência”.<sup>11</sup> Dessa forma, cada educador constitui sua prática de forma singular, a partir de sua formação e de sua vivência, pois esse saber é individual e tem a ver com a forma de ser e estar no mundo.

A experiência também pode ser compreendida não somente como um processo de repetição, mas através da intensidade e significado que uma determinada situação vivida provoca em um sujeito. Para Tardif,<sup>12</sup> essa experiência pode mudar a vida de uma pessoa, transformando crenças anteriores e modificando a forma de encarar o presente e o futuro. Os professores evidenciam

---

<sup>8</sup> [TARDIF, 2002].

<sup>9</sup> [Ibid., 2002].

<sup>10</sup> [Ibid., 2002, p. 196].

<sup>11</sup> [LARROSA BONDÍA, 2002, p. 27].

<sup>12</sup> [TARDIF, 2002].

---

experiências dessa natureza em sua carreira, que não pertencem ao saber teórico ou prático, mas da vivência, relacionando intimamente aspectos pessoais e profissionais.

Para que haja entendimento apropriado do trabalho docente, Basso<sup>13</sup> pressupõe o exame das relações entre as condições subjetivas – formação do professor – e as condições objetivas, que podem ser compreendidas como as condições efetivas de trabalho, isto é, a organização da prática, a participação no planejamento escolar, a remuneração do professor, entre outros aspectos.

Para a autora, as condições subjetivas são próprias do trabalho humano, variando de acordo com o grau de objetivação em que o sujeito está inserido. No caso do docente, seu projeto de trabalho permite “uma margem de autonomia maior, pois a presença de professor e aluno permite uma avaliação e um planejamento contínuos do trabalho [...]”.<sup>14</sup> Portanto, o educador possui autonomia para criar e recriar sua prática, de acordo com as necessidades vivenciadas em sala de aula e com base no sentido que este atribui para o exercício da docência.

No dizer de Basso,<sup>15</sup> o trabalho do professor será alienado se o sentido dado para sua prática não for correspondente ao significado previsto socialmente para essa atividade, ou seja, se o sentido pessoal do trabalho se separar de sua significação. Em outras palavras, o significado histórico para a atividade docente é entendido como função mediadora entre aluno e os instrumentos culturais que serão apropriados para a compreensão da realidade. Se o sentido atribuído pelo docente for apenas o de trabalhar para garantir sua sobrevivência, por exemplo, haverá uma cisão com o significado fixado socialmente, podendo descaracterizar a prática educativa. Além disso, a prática do professor está vinculada ao contexto social em que está inserida, onde as condições de trabalho exercem significativa influência sobre ela. Nessa perspectiva, o que é ser professor em um espaço de privação de liberdade? Qual o sentido que os educadores atribuem para a sua prática?

Quando nos referimos às escolas situadas no interior das prisões, as particularidades do espaço evidenciam a complexidade do ato pedagógico, uma vez que esse local indica necessidades específicas dos educandos “advindas da trajetória escolar, história social e cultural, de questões vinculadas à violência e ao delito”.<sup>16</sup> Desta forma, torna-se fundamental a formação dos professores no sentido de refletir sobre a prática docente no contexto da prisão, além de ser imprescindível a compreensão do espaço onde a escola está inserida, visando estabelecer uma estratégia educativa capaz de abranger a instituição e seus sujeitos, “destacando-se as condições de sua apropriação na

---

<sup>13</sup> [BASSO, 1998].

<sup>14</sup> [Ibid., 1998, p. 2].

<sup>15</sup> [Ibid., 1998].

<sup>16</sup> [ONOFRE, 2010, p. 8].

---

perspectiva de quem aprende (um jovem ou adulto em privação de liberdade) e as características das situações específicas em que o ensino acontece (a prisão ou instituição total)".<sup>17</sup>

Os monitores que atuaram no sistema prisional paulista até o ano de 2012, não possuíam formação inicial para o ofício docente, tendo com requisito para assumirem as salas de aula, a conclusão no Ensino Médio. No entanto, esses professores possuíam o conhecimento da realidade carcerária e buscaram constantemente formar-se na prática e na experiência cotidiana, por meio de estudos e de reflexão sobre a ação. Dessa forma, valorizando a experiência e a reflexão na experiência, Schön<sup>18</sup> propõe uma formação com base na epistemologia da prática, valorizando a prática profissional como momento de construção de conhecimento tácito, presente nas soluções encontradas pelos educadores, desde que os mesmos reflitam sobre e na ação.

Diante dessa perspectiva, Pimenta<sup>19</sup> nos conduz para os seguintes questionamentos: “que tipo de reflexão tem sido realizada pelos professores? As reflexões incorporam um processo de consciência das implicações sociais, econômicas e políticas da atividade de ensinar? Que condições têm os professores para refletir?”.<sup>20</sup> Nesse sentido, alguns autores apresentam preocupações em relação ao desenvolvimento de um provável *praticismo*, onde bastaria a prática para a construção do saber docente.

Em relação a esse aspecto, Pimenta<sup>21</sup> sinaliza que o saber docente advém da prática, mas também é nutrido pelas teorias da educação que são fundamentais na formação dos docentes, pois dotam os sujeitos de pontos de vista variados para uma ação contextualizada. Assim, a teoria como cultura objetivada é fundamental na formação dos educadores que atuam nas prisões, visto que, além de seu poder formativo, subsidia sua prática contextualizada. Para a autora, a fertilidade da epistemologia da prática ocorrerá se teoria e prática forem consideradas inseparáveis no âmbito da subjetividade docente, visto que sempre há um diálogo do conhecimento pessoal com a ação.

A Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel – FUNAP, responsável pela educação em prisões no estado de São Paulo de 1997 a 2012, tinha projetos de formação continuada para os monitores e orientadores, realizando encontros locais (no interior das prisões), regionais e estaduais, porém nem sempre havia uma constância dessas formações, por questões financeiras e pela ausência de equipe de profissionais da área da educação em seu quadro funcional.

---

<sup>17</sup> [Ibid., 2010, p. 3].

<sup>18</sup> [SCHÖN, 1983].

<sup>19</sup> [Ibid., 2006].

<sup>20</sup> [Ibid., 2006, p. 22].

<sup>21</sup> [PIMENTA, 2006]

---

A penitenciária objeto deste estudo, localizada no interior do estado de São Paulo, não contava com monitor orientador da FUNAP e as ações de formação continuada ficavam sob a responsabilidade do agente de segurança penitenciária da escola. Além disso, alguns funcionários da unidade prisional, que possuíam formação superior em licenciaturas ou em pedagogia, ministravam orientações para os monitores com o objetivo de sanar suas dúvidas. Os monitores se reuniam nas sextas-feiras<sup>22</sup> para realizarem o planejamento semanal das aulas e para pesquisarem conteúdos e atividades didático-pedagógicas para as suas aulas, realizando também, estudos nas respectivas celas.

Diante das considerações apresentadas, pode-se afirmar que a reflexão sobre a prática dos educadores e suas mudanças permeia os estudos sobre o saber/fazer docente. De acordo com Nóvoa,<sup>23</sup> o ingrediente principal que se deve considerar nos estudos sobre a docência é a voz do professor. Para o autor, a investigação educacional necessita “assegurar que a voz do professor seja ouvida, ouvida em voz alta e ouvida articuladamente”.<sup>24</sup> Assim, se têm enfatizado os dados sobre a prática docente, porém é fundamental ouvir a pessoa a quem se destina essa atuação, estabelecendo estratégias que facilitem e contemplem a fala do professor.

A relação entre vida e trabalho, parte do pressuposto que não é apenas uma parte da pessoa que se torna professor, mas sim a totalidade desta, com suas histórias de vida e os contextos sociais em que cresce, aprende e ensina. Para Nóvoa,<sup>25</sup> ao olhar para o professor em seu contexto, é possível compreender como os conflitos entre necessidades pessoais e valores profissionais se manifestam e quais fatores se entrelaçam para originá-los.

Os conflitos estão em grande parte relacionados à perda da autoestima docente e a dificuldade que os educadores possuem de perceber algum reconhecimento por parte da sociedade. Além disso, os próprios educadores não valorizam sua profissão, aumentando a percepção negativa da docência, e nessa direção, Marchesi<sup>26</sup> afirma que uma parcela considerável dos professores dá pouco valor ao trabalho que desempenha, configurando-se assim, a falta de confiança na tarefa de ensinar e a perda de sentido da ação educativa.

---

<sup>22</sup> Em cada unidade prisional do Estado de São Paulo há uma organização específica para a formação dos professores e para o planejamento das aulas. Nesta penitenciária, eles concentravam o planejamento em um único dia da semana (todas as sextas-feiras), suspendendo as aulas e garantindo um espaço de reflexão para os docentes.

<sup>23</sup> [NÓVOA, 1992].

<sup>24</sup> [Ibid., 1992, p. 67].

<sup>25</sup> [Ibid., 1992].

<sup>26</sup> [MARCHESI, 2008].

---

O discurso recorrente sobre o mal-estar docente e sobre a incapacidade do sistema educacional em suprir as necessidades de seus alunos, acaba confirmando as baixas expectativas da maioria da população em relação à tarefa do professor. É preciso destacar também, que as próprias administrações educacionais contribuem para a baixa valorização dos educadores, através da remuneração inadequada, da ausência de formação inicial e continuada, além de outros fatores que limitam o prestígio desta profissão.<sup>27</sup>

Diante as discussões sobre a autoestima docente, a reflexão em relação ao significado do exercício da docência passa a ser imprescindível e para o autor, aos poucos a tarefa docente “vai ficando reduzida a um conjunto de técnicas de ensino e exigências aos alunos que estão muito afastadas do espírito e do caráter que deveriam animar o seu trabalho”.<sup>28</sup>

### **CAMINHOS PERCORRIDOS**

A atividade da pesquisa se traduz em um esforço de elaborar o conhecimento de aspectos da realidade a partir e em continuação ao que já foi elaborado por outros pesquisadores, podendo confirmar ou negar o que se acumulou sobre o temário ao longo dos anos. Para isso, torna-se necessária a escolha de procedimentos metodológicos adequados à questão norteadora da investigação, com vistas a atingir os objetivos propostos.

Nessa perspectiva, a metodologia de um trabalho científico, segundo Minayo,<sup>29</sup> se refere ao caminho e aos instrumentos utilizados para a abordagem da realidade, incluindo as concepções teóricas, as técnicas utilizadas para compreender a realidade e o potencial criativo do pesquisador.

Os estudos na área das ciências sociais abordam seres humanos e suas práticas, embasados em teorias e instrumentos capazes de promover uma aproximação do que é de fato a vida das pessoas em sociedade. Portanto, o estudo apresentado neste artigo, configurou-se como uma pesquisa de natureza qualitativa por almejar captar os fenômenos educacionais no interior da prisão e a realidade complexa do dia-a-dia dos monitores, assim como suas crenças, concepções, expectativas, valores e atitudes.

Dentre as várias formas que pode assumir uma pesquisa qualitativa optou-se por tomar aspectos da abordagem etnográfica, uma vez que esta se constitui em “descrição de um sistema de

---

<sup>27</sup> [Ibid., 2008]

<sup>28</sup> [Ibid., 2008, p. 23].

<sup>29</sup> [MINAYO, 1994].

---

significados culturais de um determinado grupo”.<sup>30</sup> Dessa forma, esse trabalho buscou compreender o exercício da docência realizado em uma penitenciária com singularidades no modo de vida, nas práticas que realiza e em suas relações com o espaço escolar, embora se assemelhe com o exercício docente realizado em outros estabelecimentos prisionais do estado de São Paulo, Brasil.

Para a coleta de dados foram utilizados como instrumentos a observação, os registros em diários de campo, a entrevista com educadores e a análise documental. O caminho e os recursos utilizados para alcançar os objetivos propostos foram delineados com cautela, no momento da inserção ao espaço e nas conversas com os monitores, respeitando a especificidade do ambiente prisional.

Participaram como colaboradores da pesquisa seis monitores de uma penitenciária do interior do estado de São Paulo, com condenações entre 8 e 37 anos por crimes de tráfico de entorpecentes, assalto, sequestro e homicídio. Os participantes, todos do sexo masculino e com idades variando entre 23 e 46 anos, possuíam no momento da coleta de dados o Ensino Médio completo e não haviam ministrado aulas fora da prisão. Conseqüentemente ao fato de nunca terem lecionado, os mesmos não possuíam formação inicial para a docência, formando-se na prática e com os pares<sup>31</sup>. Quatro dos seis participantes finalizaram os estudos em privação de liberdade, sendo que os motivos para a evasão escolar na idade regular variaram entre expulsão, ausência de vagas e envolvimento com o crime.

A escolha da unidade prisional para o desenvolvimento da pesquisa privilegiou os aspectos de acessibilidade da pesquisadora, a disposição da diretoria e funcionários em contribuir com a pesquisa e o atendimento aos critérios estipulados para a escolha dos participantes: 1) possuir Ensino Médio completo; 2) não ter ministrado aulas anteriormente à privação de liberdade; 3) estar no mínimo há um ano atuando como professor ou auxiliar no estabelecimento penal; 4) ser professor da Alfabetização ou do Ensino Fundamental.

Vale ressaltar que a penitenciária onde a pesquisa foi desenvolvida é classificada como unidade masculina de segurança máxima, destinada a abrigar condenados à pena de reclusão em regime fechado. Segundo dados da Secretaria da Administração Penitenciária do Estado de São Paulo – SAP<sup>32</sup>, a unidade prisional possui capacidade para 762 detentos e o Anexo de Detenção

---

<sup>30</sup> [LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 14].

<sup>31</sup> Essa formação acontece na prática, juntamente com os demais monitores e alunos. Além disso, a FUNAP organiza materiais e encontros de formação para seus orientadores que repassam as informações aos monitores. No caso da penitenciária pesquisada, as funções do orientador são exercidas por um agente de segurança penitenciária – ASP.

<sup>32</sup> [Secretaria da Administração Penitenciária, junho/2012]



---

Provisória possui capacidade para 272 internos. Entretanto, no momento da pesquisa, contava com 1.193 sentenciados e o Anexo de Detenção Provisória com 532 homens<sup>33</sup>, evidenciando assim o déficit de vagas, tão característico nas prisões brasileiras.

As celas que ficam no térreo da Penitenciária são de 5m X 5m com o banheiro, possuem 12 camas e 20 aprisionados residindo em seu interior e as celas localizadas no primeiro andar da Penitenciária são de 4m X 5m com o banheiro, possuem 09 camas e aproximadamente 15 homens residindo em seu interior. Há apenas uma quadra para o “banho de sol” dos aprisionados.

A escola está localizada no interior da penitenciária e possuía 04 salas de aula, 01 banheiro e 01 sala dividida em biblioteca e sala dos professores. A capacidade máxima era de 340 alunos<sup>34</sup> e o quadro da escola era composto por 7 monitores, 7 suplentes de monitores, 1 monitor de sala de leitura e 9 monitores de projetos - desenho, perspectivas, informática básica, higienização de alimentos, mecânica, artesanato e inglês.

As entrevistas ocorreram nos meses de maio e junho de 2012 e foram realizadas em uma das salas de aula da penitenciária. A princípio, por questões de segurança, foi proposto pelo funcionário da unidade prisional que as conversas fossem realizadas no parlatório.<sup>35</sup> Entretanto, por se tratar de um espaço separado por grades e que não possibilitaria a proximidade entre pesquisadora e participante, insistiu-se para que as entrevistas acontecessem na escola. Outra conquista a ser sinalizada foi obter a autorização para ficar na sala de aula com o monitor, sem nenhum agente de segurança penitenciária, pois a presença desse funcionário inibiria os participantes da pesquisa. Szymanski, Almeida e Prandini<sup>36</sup> afirmam que o ambiente físico e social da entrevista deve ser considerado, garantindo a privacidade para que o entrevistado possa se sentir à vontade para trazer informações pessoais. Sendo assim, o espaço destinado para as entrevistas tornou-se o mais favorável possível no interior de uma prisão e permitiu a interação e o diálogo sem grades e escoltas. Foram realizadas duas rodadas de entrevistas individuais com cada participante, tendo em média a duração de 40 minutos cada uma.

Para a análise dos dados coletados, foram considerados os conteúdos verbais e não verbais das conversas com os participantes, além dos dados advindos da observação do espaço e das

---

<sup>33</sup> Dados fornecidos pela Penitenciária em junho/2012.

<sup>34</sup> Dados fornecidos pela Penitenciária em julho/2012.

<sup>35</sup> Espaço localizado no interior das prisões para os atendimentos dos sentenciados com os advogados, os psicólogos, os assistentes sociais, entre outros, onde ambos ficam separados por uma grade.

<sup>36</sup> [SZYMANSKI, ALMEIDA E PRANDINI, 2010].

---

fotografias, principalmente as que foram fornecidas pela unidade prisional, por serem imagens de espaços inacessíveis, como a cela e o pátio interno.

Em pesquisas qualitativas, como é o caso deste estudo, os conteúdos não verbais são essenciais para a interpretação do fenômeno estudado. Portanto, os gestos, olhares e comportamentos foram registrados em diário de campo e resgatados na lapidação dos achados. Trechos do diário de campo ilustram a presença destes conteúdos não verbais:

Percebi muita emoção nos olhos de Binho<sup>37</sup> ao falar sobre o apoio que recebem do ASP responsável pela escola. Seus olhos brilharam e o sorriso ficou estampado em seus lábios, demonstrando o carinho que os monitores da penitenciária têm por este funcionário que batalha pela educação no cárcere. Entretanto, após finalizar sua fala, percebi que Binho abaixou a cabeça e ficou constrangido. Nesse momento, ele explicou que os monitores e os alunos não podiam demonstrar esse sentimento de gratidão por um funcionário, não podiam sequer cumprimentá-lo diante do restante da população, pois no interior da prisão há uma regra em que os aprisionados não podem ter amizade com os funcionários e vice-versa. Essa situação demonstra que no interior dos estabelecimentos prisionais há normas para o convívio entre as pessoas. (DIÁRIO DE CAMPO, 26/06/2012).

Ao chegar ao espaço escolar, soube que Wendel tinha conseguido o benefício do semiaberto, mesmo tendo cumprido menos de 1/3 de sua pena. Notei uma euforia entre os monitores da escola e suplentes, pois essa situação aumentava a esperança pela tão almejada liberdade. Wendel era o exemplo vivo de que a participação na escola e nos projetos desenvolvidos pela unidade prisional favorecia o parecer do juiz. Nesse dia, eu e Wendel ficamos 20 minutos conversando sobre a conquista do semiaberto e sobre a perspectiva de dias melhores. Essa situação de bem-estar só foi interrompida quando o sinal tocou, indicando que os sentenciados deveriam retornar para suas celas. Wendel ficou tão agitado que começou a resumir sua fala, para finalizar a entrevista antes que alguém lhe chamasse a atenção (DIÁRIO DE CAMPO, 26/06/2012).

Diante do exposto, fica evidente que a pesquisa primou pela postura dialógica embasada na obra de Freire, onde “não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo”.<sup>38</sup> Dessa forma, buscou-se estabelecer um ambiente dialógico em um espaço onde *dizer a palavra* não é permitido para todos. Ao assumir a postura dialógica,

---

<sup>37</sup> Os nomes dos monitores apresentados nessa pesquisa são fictícios, a fim de preservar suas identidades.

<sup>38</sup> [FREIRE, 2005, p. 89].

---

esse estudo considerou os participantes como sujeitos detentores do direito de dizer a sua palavra, respeitando seus saberes, em um constante processo de interação e respeito *com* o grupo de monitores.

### **O SENTIDO DA DOCÊNCIA ENTRE AS GRADES**

A organização dos dados coletados traduziu-se em três focos de análise, a saber, o papel da escola e da educação na visão dos educadores, o sentido da docência entre as grades e o bem estar docente na prisão. Para fins deste artigo, apresenta-se o *sentido da docência entre as grades*, uma vez que o trabalho docente evidenciou-se nas relações entre as condições subjetivas e objetivas, conforme explicitado anteriormente, indo desde a formação até as condições de trabalho, de organização da prática, de planejamento das aulas e de remuneração.

Como já mencionado, os monitores eram ‘professores’ leigos, sem formação inicial para a docência, formando-se na prática, com os pares, com as orientações da FUNAP e dos funcionários da unidade prisional. Essa formação, a organização da prática e o planejamento das aulas aconteciam, diariamente, no período oposto ao que o monitor estava lecionando e também planejavam as atividades nas celas.

A compreensão do sentido da docência entre as grades e seu significado nos leva inicialmente, à diferenciação entre atividade e ação. No entender de Basso,<sup>39</sup> a atividade humana se constitui de um conjunto de ações, e é somente através da relação destas com o todo da atividade, que o resultado de uma ação se relaciona com o motivo da atividade. Assim, o conjunto de ações deve manter coerência com o motivo da atividade e o significado das ações passa a ser apropriado por todos os indivíduos que dela participam, fornecendo a essas ações o sentido correspondente ao seu significado.

Ao longo da vida, por meio das experiências sociais, o ser humano vai acumulando e fixando formas de compreender a realidade, de realizar atividades específicas, de se comunicar, de expressar seus sentimentos, produzindo sua sobrevivência. Para Basso,<sup>40</sup> o significado é a generalização e a fixação da prática social humana e no caso dos professores, o significado é composto pela finalidade do ato de ensinar, que consiste em garantir ao educando acesso ao conhecimento que não está disponível na esfera cotidiana da vida social.

---

<sup>39</sup> [BASSO, 1998].

<sup>40</sup> [Ibid., 1998].

---

A fala de Kiko, um dos colaboradores da pesquisa, sobre o que as escolas devem ensinar corrobora a afirmação da autora sobre garantir ao educando acesso ao conhecimento que não está disponível no dia-a-dia.

Eu acho que tudo é importante, por que tem aluno meu que não sabia ler nem para pegar o ônibus, até para conseguir um emprego é importante, quando a pessoa for trabalhar, preencher uma ficha, um currículo, então, tudo é importante (Kiko).

O trabalho docente, como mencionado anteriormente, torna-se alienado se seu sentido não for correspondente ao seu significado previsto socialmente. Nessa perspectiva vale perguntar: o que motiva os monitores a realizarem seu trabalho?

Nos seus relatos, ficou claro, que o motivo não é essencialmente subjetivo, relacionado ao amor pela profissão ou à vocação, mas também objetivo, relacionado às necessidades reais de formação e de remuneração. Há que se ressaltar, no entanto, que uma remuneração equivalente a  $\frac{3}{4}$  do salário mínimo vigente, por 6 horas de trabalho diárias, recebida somente nos dias trabalhados, significa o fenômeno de sucateamento e desvalor ao ofício de professor nos espaços de privação de liberdade, não diferente dos demais espaços escolares.

Binho ao ser questionado sobre os motivos para realizar o trabalho docente afirma:

Um dos fatores é por que eu gosto de ser professor, outro fator é para ajudar as pessoas, por que o ensino ajuda muito a abrir a mente para um outro mundo. [...] outro motivo é na parte de trabalho, por que todos nós precisamos trabalhar, então, proporciona trabalho para mim, um salário e me ajuda, pois além de estar ajudando as pessoas no ensino, eu estou trabalhando e ganhando[...] (Binho).

Diante dessa resposta, é possível inferir o caráter subjetivo do “gostar” de ser professor e a possibilidade de ajudar seus companheiros de cela. Além disso, fica evidente que ser professor lhe proporciona auxílio financeiro fundamental para a sua sobrevivência e a de sua família.

Os relatos a seguir enfatizam a questão da interação entre professor e aluno e a satisfação pessoal que esta ação proporciona.

O que me motiva é ver a carência dos meus alunos [...] (Fábio).

O que me move a ser professor são os alunos mesmo, o esforço dos alunos, saber que eles estão aprendendo comigo, aprender a ler, aprender a escrever, isso pra mim é uma satisfação enorme, isso que me motiva mais (Kiko).

Fábio e Kiko manifestam em seus depoimentos que aceitaram ser professores para ajudar os companheiros de cela que não conseguiam ler nem escrever cartas para a família. No entanto, ao se tornarem professores, essa atividade passou a ter outros sentidos além de ajudar ao próximo.

---

No depoimento de Wendel fica explícito também, que a tarefa docente contribui no sentido de aliviar o peso da culpa de atos praticados na vida em sociedade:

Ser professor na cadeia é você conseguir ajudar o próximo, é você apagar um pouco sua mancha do passado, é tentar fazer o bem para o próximo (Wendel).

Outro sentido do exercício da docência entre as grades refere-se à possibilidade de aquisição de conhecimentos por parte dos educadores, tanto os formais quanto os saberes resultantes da troca de experiências entre educador e educandos.

Eu gosto de ser professor, porque ser professor é uma honra. Tem dois fatos importantes nessa área de ser professor: o fato de estar ensinando e colaborando na educação das pessoas, no desenvolvimento, e por outro lado, ser professor ajuda a me desenvolver, porque ensinando a gente também aprende, pois antes de ensinar a gente precisa estudar, preparar as aulas, e isso traz um desenvolvimento para mim (Binho).

O que me motiva é ver o progresso do aluno e o conhecimento que eu adquire também, isso é bom pra gente né, eu estou ajudando o aluno e aprendendo mais ainda do eu já sabia, estou aumentando meus conhecimentos. [...] A gente vai adquirindo experiências de outras pessoas, vai absorvendo coisas que a gente não sabe, vai aumentando nosso grau de aprendizagem também (Murilo).

Dessa forma, a docência entre as grades proporciona um bem-estar e uma relação de trabalho favorável entre todos os envolvidos na escola. Esta por sua vez, é compreendida como espaço diferenciado das premissas carcerárias, conforme explicitado nas falas de Kiko e Derick.

[...] aqui na escola eu me sinto como se eu estivesse em liberdade, aqui me tira da cadeia, é como se a escola não estivesse dentro da prisão, é outro espaço, são outras pessoas, são outras ideias diferentes das ideias “lá debaixo” (Kiko).

[...] aqui (escola), querendo ou não, você está focando sua mente pra outras situações – educação e conhecimentos, e cada vez adquirindo mais e mais. “Lá dentro” não! “Lá dentro” você já se encontra em um lugar trancado, a realidade é essa, sem o direito de ir e vir pra onde você quer. Aqui na escola eu me sinto mais livre (Derick).

O estudo de Penna<sup>41</sup> assinala que ao se envolverem com a docência os monitores começam a refletir sobre suas vidas, principalmente pelo fato de estarem afastados do universo criminal existente nos raios habitacionais<sup>42</sup> e no pátio interno.<sup>43</sup> No pavilhão escolar há outras ideias, outras

---

<sup>41</sup> [PENNA, 2006].

<sup>42</sup> Raio habitacional é o local onde ficam as celas. Dependendo do modelo, uma penitenciária pode ter suas celas distribuídas em um, quatro, seis ou oito raios habitacionais. Esse espaço é trancado e possui visores para a vigilância realizada pelos agentes de segurança penitenciária.

---

posturas e até mesmo outro vocabulário, justificando o fato da escola se apresentar como espaço diferenciado na prisão.

O bem-estar docente gerado pelo exercício da docência evidencia a dinâmica entre significado e sentido da prática realizada pelos monitores da penitenciária. Para Basso,<sup>44</sup> o professor bem-sucedido é aquele que consegue integrar o significado atribuído para a docência com o motivo que lhe impulsiona a realizar esse trabalho, possibilitando assim uma prática pedagógica mais eficiente e menos alienante. Entretanto, é fundamental para que aconteça uma prática menos alienante o equilíbrio entre aprofundamento teórico-metodológico e valorização da prática de cada educador, estabelecendo-se uma relação constante entre teoria e prática.

Os apontamentos realizados com base no dizer dos monitores, evidenciam que por construírem seus saberes a partir de suas vivências no cotidiano da escola, nos desafios postos para desempenhar seu ofício sem formação em conteúdos específicos e em conhecimentos pedagógicos que caracterizam o fazer docente de qualidade, os motivam ao estudo e busca de metodologias adequadas, refletindo com seus pares e com seus próprios alunos. Nessa perspectiva, pode-se inferir que os momentos de estudos, de planejamento das atividades, as trocas com monitores mais experientes, as reflexões sobre a prática, se constituem em momentos de diálogo, de respeito mútuo e de humanização entre os pares. Trata-se, portanto, de um encontro de subjetividades diferentes das demais prerrogativas carcerárias, evidenciando a importância da experiência como fator positivo na leitura de mundo, no *ser mais*, na transformação de suas crenças.

É preciso que nos afastemos, no entanto, de qualquer postura ingênua em relação ao sentido e significado que os monitores atribuem ao seu ofício, para além da ‘ajuda ao colega’. Certamente, este é um dos fatores, mas as contradições postas pelo sistema carcerário, o ‘acatar em silêncio as regras carcerárias’, também o levam a buscar formas de driblar os valores e normas estabelecidos, a forjar um discurso que dele se espera, a utilizar a máscara como um refúgio bastante seguro e como um meio de proteção contra as formas de absolutização e de sobrevivência às imposições do sistema. Sua sobrevivência depende, em muitos momentos, de sua capacidade de dissimular, mentir e conter-se e por isso, são comuns em suas falas, avaliações positivas do trabalho e das atividades em que participa, inclusive, como professor – ele luta e resiste de todas as formas, para abreviar sua estada na prisão. No entanto, mesmo utilizando a identidade de camaleão para se proteger, ele se empenha no exercício da docência com as ferramentas que dispõe (mesmo sem formação específica

---

<sup>43</sup> Local destinado para o “banho de sol” dos aprisionados. Algumas unidades prisionais possuem apenas um pátio para todos os aprisionados, porém as penitenciárias mais novas possuem um pátio no centro de cada raio habitacional.

<sup>44</sup> [BASSO, 1998].

---

e orientação pedagógica), se sente útil e em liberdade, quando está na sala de aula e no preparo das atividades, como revelaram em suas falas.

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A intenção de trazer algumas compreensões sobre como os monitores que atuam como professores na prisão significam a experiência docente, frente às particularidades do contexto e da condição de homens aprisionados em que se encontram, se constituiu no objetivo central das reflexões apresentadas neste texto.

Certamente não tivemos a intenção de esgotar tema tão intrincado e discutido por especialistas de diferentes áreas, tendo em vista as singularidades dos espaços de privação de liberdade, sua arquitetura e as rotinas a que os sentenciados são submetidos. Vale à pena ressaltar, no entanto, que a prisão pode ir além da privação de liberdade, através de algumas práticas sociais, como a escola, por exemplo, e desempenhar a essência de sua função contribuindo para a reintegração do indivíduo à sociedade.

Existe entre os aprisionados um sentimento de tempo perdido, destruído ou tirado de suas vidas, e que pode se configurar como motivo que os leva à escola. A volta à sala de aula oferece a muitos deles a possibilidade de poder sair da cela, ‘distrair a mente’ e ocupar seu tempo com coisas úteis. Para entender a sociedade dos cativos, como esclarece Sykes<sup>45</sup>, é preciso estar sintonizado com a contradição, pois as realidades da detenção são multifacetadas; há que se ter presente que o significado de qualquer situação é sempre um complexo de pontos de vista, muitas vezes conflitantes, e que é na divergência que se começa a ver os aspectos significativos da estrutura social da prisão.

O encarceramento não impede que sejam buscadas formas de resgatar a dignidade, a liberdade psicológica e o bem-estar do aprisionado e a escola deve se constituir em um espaço que não precisa funcionar pelo avesso, podendo desempenhar um papel importante no resgate do *status* de cidadão, sendo o professor figura relevante no estabelecimento do vínculo de confiança que o aprisionado perdeu ao ser afastado da sociedade.

Concordamos com Onofre<sup>46</sup>, que retirar a pessoa da sociedade de pertencimento e inseri-la em outra, com a justificativa de que o isolamento e a privação de liberdade são pilares suficientes para devolvê-la com outra conduta, fica inviabilizada como ação educativa, se não houver na prisão

---

<sup>45</sup> [SYKES, 1999].

<sup>46</sup> [ONOFRE, 2013].

---

espaços que contemplem o diálogo e a reflexão crítica da realidade. Para a autora, pensar a tarefa educativa no contexto prisional significa situá-la em uma perspectiva libertadora e a escola como uma prática social de resistência, onde o aprisionado tem seus direitos respeitados, podendo reconstruir laços de pertencimento à sociedade.

A escola pode, portanto, ser considerada um espaço de diálogo e reflexão no interior das prisões, embora tenhamos clareza que a educação escolar não poderá sozinha transformar criminosos em não - criminosos. No entanto, concordamos com Freire que “a melhor afirmação para definir o alcance da prática educativa em face aos limites a que se submete é a seguinte: não podendo tudo, a prática educativa pode alguma coisa”.<sup>47</sup>

Na prática do exercício da docência entre as grades, os monitores expõem “com espontaneidade ou restrições, modos de ser, pensar, agir, perceber experiências produzidas na vida, no estudo de problemas e dificuldades, com o propósito de entendê-los e resolvê-los”.<sup>48</sup> Dessa forma, aprendem novas maneiras de se relacionar com as pessoas, de se expressar, de falar, de ouvir, de despertar a sensibilidade aos problemas sociais, adquirindo também o hábito da leitura, da reflexão e do diálogo – e, esses saberes, não são adquiridos nas salas de aula da universidade.

Nesse sentido, concordamos com Onofre<sup>49</sup>, que os monitores significam a ação pedagógica na escola como processo de emancipação e de construção de autonomia, pautados no respeito, na dialógicidade e na humanização *com* seus pares.

O papel desempenhado pelos professores-monitores, pelo saber da experiência que detêm do contexto prisional ao conviver com seus pares, considerado um dos tripés importantes da educação de qualidade – nos leva a inferir que, embora o ofício docente também signifique remição de pena, remuneração, possibilidade de sair dos pavilhões, tratamento diferenciado recebido dos agentes penitenciários, a ação pedagógica significa resgatar a cidadania. Ao se construírem como sujeitos críticos e reflexivos de sua prática docente, vislumbram certamente, a vocação ontológica do ser humano de *ser mais*,<sup>50</sup> de fazer, refazer e criar alternativas para a reconstrução de seus projetos de

---

<sup>47</sup> [FREIRE, 1995, p. 96].

<sup>48</sup> [OLIVEIRA *et al*, 2014, p. 33].

<sup>49</sup> [ONOFRE; JULIÃO, 2013].

<sup>50</sup> A vocação para a humanização, segundo a proposta freireana, é uma característica que se expressa na sua própria busca do ser mais através da qual o ser humano está em permanente procura, aventurando-se curiosamente no conhecimento de si mesmo e do mundo, além de lutar pela afirmação/conquista de sua liberdade. Essa busca de ser mais, de humanização do mundo, revela que a natureza humana é programada para ser mais, mas não determinada por estruturas ou princípios inatos. [ZITKOSKI, 2010, p. 369].



---

vida, longe da criminalidade e quiçá, se reinventem profissionalmente, como educadores *da e para* a vida.

## REFERÊNCIAS

- BASSO, I. S. Significado e sentido do trabalho docente. *Cadernos CEDES*. v. 19. nº 44. Campinas, p. 1-7,1998.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 05 de outubro de 1988*. 21ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Lei de Execução Penal*, nº 7.210. Brasília, 1984.
- CARREIRA, D.; CARNEIRO, S. *Relatoria Nacional para o Direito Humano à Educação: educação nas prisões brasileiras*. São Paulo: Plataforma DhESCA Brasil, 2009.
- CNJ - *Conselho Nacional de Justiça*. Disponível em: [www.cnj.jus.br](http://www.cnj.jus.br). Acesso em: 12 nov. 2011.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 49ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- FUNAP - *Fundação Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel*. Disponível em: [www.funap.sp.gov.br](http://www.funap.sp.gov.br). Acesso em: 01 jun. 2012.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em: [www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros\\_dados\\_divulgados](http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros_dados_divulgados). Acesso em: 13 jul. 2012.
- INFOPEN - Sistema Integrado de Informações Penitenciárias. *Departamento Penitenciário Nacional/Ministério da Justiça*. Disponível em: [www.infopen.gov.br](http://www.infopen.gov.br). Acesso em: 13 jul. 2012.
- LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, nº 19, p. 20-28, 2002.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCHESI, A. *O bem-estar dos professores: competências, emoções e valores*. Tradução de Naila Tosca de Freitas. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, Rio de Janeiro, ABRASCO. 1994.
- MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. Disponível em: [portal.mj.gov.br](http://portal.mj.gov.br). Acesso em: 13 nov. 2011.
- NÓVOA, A. *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992.
- OLIVEIRA, M. W. et al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, M. W.; SOUSA, F. R. (Orgs). *Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação*. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 29-46.
- ONOFRE, E. M. C. ; JULIÃO, E. F. A Educação na prisão como política pública: entre desafios e tarefas. *Educação e Realidade*, v. 1, p. 51-69, 2013.
- ONOFRE, E. M. C. 2013 ONOFRE, E. M. C. Políticas de formação de educadores para os espaços de restrição e de privação de liberdade. *Revista Eletrônica de Educação* (São Carlos), v. 7, p. 137-158, 2013.
- \_\_\_\_\_. Docência na Prisão: professores duplamente iniciantes, aprendendo com os pares e com o contexto. *II Congresso Internacional sobre Profesorado Principiante e Inserción Profesional a la Docencia*. Buenos Aires, 2010.
- PENNA, M. G. de O. Exercício docente na prisão: apontamentos sobre aspectos do habitus do professor. *Práxis Educativa*, vol. 1, nº2, p. 31-38, 2006.
- PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (orgs). *Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. 4ª Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2006, p. 17-52.
- SÃO PAULO. Secretaria da Administração Penitenciária do Estado de São Paulo. Disponível em: [www.sap.sp.gov.br](http://www.sap.sp.gov.br) – acesso em 12/07/2012.
- SCHÖN, D. *The reflective practitioner: how professionals think in action*. New York: Basic Books, 1983.

---

SYKES, G. M. *The society of captives: a study of a maximum security prison*. New Jersey: Princeton University Press, 1999.

SZYMANSKI, H.; ALMEIDA, L. R.; PRADINI, R. C. A. R. (Orgs). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. 3ª Ed. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. 5ª edição. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

#### **RESUMO**

O presente artigo é resultado de pesquisa de mestrado realizada com o objetivo de identificar e compreender como os monitores que atuam como professores na prisão significam a experiência docente, frente às particularidades do contexto e da condição de homens aprisionados em que se encontram. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou como recursos metodológicos a observação do espaço escolar registrada em diários de campo, as conversas informais e as entrevistas com seis monitores de uma unidade prisional do interior do estado de São Paulo. O estudo evidencia que o ofício da docência entre as grades proporciona melhoria da autoestima e sentido à vida no presente, contribui com o cumprimento e redução da pena e para a reinserção ao convívio social quando adquirir liberdade.

**Palavras-chave:** Docência na prisão. Monitores – Professores. Educação de Jovens e Adultos na prisão.

#### **THE TEACHING EXPERIENCE OF MONITORS ON THE TEACHER PROFESSION IN PRISON**

#### **ABSTRACT**

This study is the result of a master's degree research that had the objective of identifying and understanding how monitors who are teachers in prison denote the teaching experience, facing the context particularities and conditions of the imprisoned men. The research has qualitative nature; it used, as methodological resources, the observation of the schooling space registered in field diaries, informal conversations and interviews with six monitors from a correctional institution in the state of São Paulo. The study evidences that the teaching profession behind bars grades provides improved self-esteem and sense of life, contributes to the compliance and reduction of sentences, and to the rehabilitation for social interaction of the inmates.

**Keywords:** Teaching in prison. Monitors – Teachers. Youth and Adults Education in prison.

*Submetido em: setembro de 2014*  
*Aprovado em: março de 2015*